

ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E ABORDAGEM SISTÊMICA: UMA BREVE COMPARAÇÃO PERSON CENTRED APPROACH AND SYSTEMIC APPROACH: A BRIEF COMPARISON



Maria Fernanda Pinto Paulo

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que teve como pano de fundo a obra de Carl Rogers no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa. Pretende-se evidenciar o quadro teórico desenvolvido pelo referido autor e compará-lo com o quadro conceptual da Abordagem Sistémica, tendo como objectivo principal encontrar os pontos em que as duas abordagens são mais semelhantes e os pontos em que as mesmas divergem mais significativamente. Como propostas são apresentados os conceitos e as atitudes fundamentais do modelo da Abordagem Centrada na Pessoa, assim como os princípios e pressupostos da Abordagem Sistémica.

Palavras-Chave: Tendência Actualizante, Condições Facilitadoras, Abordagem Sistémica, Cibernética, Sistema, Comunicação, Adaptação, Interação

Abstract: This article is the result of a bibliographical research of the work of Carl Rogers concerning the Person Centred Approach, where we will bring to evidence the theoretical frame of his work and compare it with the concepts of the Systemic Approach. The main objective is to find areas where the two approaches are similar and where they differ significantly. We will present the concepts and attitudes considered fundamental to the Person Centred Approach, as well as the main principles and concepts of the Systemic Approach.

Key-Words: Actualizing Tendency, Facilitating Attitudes, Systemic Approach, Cybernetics, System, Communication, Adaptation, Interaction.

Introdução

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que teve como pano de fundo a obra de Carl Rogers, no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa. Pretende-se evidenciar o quadro teórico desenvolvido pelo referido autor e compará-lo com o quadro conceptual da Abordagem Sistémica tendo como objectivo principal encontrar pontos comuns nas duas abordagens bem como as diferenças mais significativas.

Assim, o objectivo fundamental deste trabalho, será o de tentar estabelecer uma ponte entre os princípios enunciados por Carl Rogers, no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa e os fundamentos da Abordagem Sistémica.

Para a concretização desta pesquisa foram utilizadas referências de quadros teóricos como a Teoria Geral dos Sistemas, a Cibernética e a Teoria da Comunicação da Escola de Palo Alto, partindo do pressuposto que é nestes quadros que assentam os princípios da Abordagem Sistémica.

Como propostas para este trabalho são apresentadas as atitudes fundamentais do modelo da Abordagem Centrada na Pessoa, assim como os princípios e pressupostos da Abordagem Sistémica.

I - A Abordagem Centrada na Pessoa: Atitudes Fundamentais

Psicólogo norte americano, Carl Rogers foi pioneiro no desenvolvimento de métodos científicos que tinham como objectivo o estudo da mudança nos processos psicoterapêuticos, vindo a criar e a desenvolver um modelo de intervenção que designou inicialmente por Terapia Centrada no Cliente.

A Abordagem Centrada na Pessoa foi uma expressão utilizada por Carl Rogers para referir uma forma específica de entrar em relação com o Outro, estando implícito um modo positivo de conceptualizar a pessoa humana. Esta expressão representa uma evolução no pensamento de Carl Rogers e no quadro teórico por ele desenvolvido, que foi formalizada na publicação do seu livro *Sobre o Poder Pessoal* (1977, em inglês, *On Personal Power*), onde explicita a aplicação do seu quadro conceptual aos mais diversos campos (Gobbi *et al.*, 1998: 13).

Na sua evolução, as ideias do autor passam do campo exclusivo da Psicoterapia para serem aplicadas em áreas como os Grupos, as Organizações e a Educação. Ao longo da sua vida que Rogers foi clarificando as suas ideias, e daí que as mudanças de nomenclatura por si operadas fossem consideradas como actualizações do seu modelo teórico (*Ibidem*:13).

Progressivamente, a filosofia de base humanista, à qual está subjacente o quadro conceptual da Abordagem Centrada na Pessoa, foi encontrando eco em pessoas de horizontes profissionais diversos, nomeadamente no domínio da Educação, acabando por se constituir um Movimento que é conhecido actualmente como Abordagem Centrada na Pessoa. Este pode ser definido como integrando três pressupostos de base:

- 1- Uma concepção do Homem alicerçada nos princípios da corrente humanista da Psicologia¹;
- 2- Uma abordagem fenomenológica que privilegia a experiência subjectiva da pessoa, implicando que o conhecimento que se tem do outro surge a partir da compreensão do seu quadro de referências;
- 3- Uma forma de entrar em relação que se constitui como um encontro entre pessoas.

Relativamente ao primeiro pressuposto salientamos a expressão de Rogers que afirmou que a Abordagem Centrada na Pessoa tem como principal premissa “*uma visão do Homem como sendo, em essência, um organismo digno de confiança*” (1989:16). Por outro lado, dois conceitos desenvolvidos por Rogers, e que são considerados fundamentais para a compreensão do seu modelo, são a *Tendência Actualizante* e a *Não-Directividade*.

1 - Conceito de Tendência Actualizante

A noção de *Tendência Actualizante* é, para Rogers, o postulado fundamental da Abordagem Centrada na Pessoa, à medida que conduz não só à satisfação das necessidades básicas do organismo, como também às mais complexas. A *Tendência Actualizante* permite, por um lado, a confirmação do *Self*² e, por outro, a preservação do organismo, facultando assim, a consonância entre a experiência vivida e a sua simbolização.

1 Esta corrente, fundada por Maslow e Rogers, nos Estados Unidos enquanto movimento histórico específico, é considerada a “terceira força em Psicologia”, e aparece em oposição à Psicanálise e ao Behaviorismo, correntes com abordagens reducionistas que não dão conta daquilo que é a totalidade da existência humana (Gobbi *et al.*, 1998: 122-123). Caracteriza-se ainda pela visão optimista e confiante com que olha o ser humano. Acredita que o Homem contém em si potencialidades para se desenvolver e que a falha na sua realização deve-se às influências exercidas pelo meio envolvente (Hall, 1984: 57). Baseia-se em conceitos como Liberdade, Tendência Actualizante e *Self*, enquanto unificador da personalidade humana (Gobbi *et al.*, 1998:123-124).

2 Rogers definiu o conceito de *Self* como sendo “*A configuração experiencial composta de percepções relativas ao Eu, as relações do Eu com o Outro, com o meio e com a vida em geral, assim como os valores que o indivíduo atribui a estas diversas percepções. Esta configuração se encontra num estado de fluxo contínuo, isto é, muda constantemente, ainda que seja constantemente organizada e coerente*” (Rogers & Kinget, 1977).

Segundo o autor, sempre que esta consonância não se verifique, a pessoa entra em estado de incongruência³, ou seja, gera-se um desequilíbrio entre a experiência real e a simbólica, o que se traduz num comportamento desajustado, conduzindo a estados de ansiedade, angústia e depressão, os quais, por sua vez, afectam a personalidade e o seu respectivo desenvolvimento.

Rogers definiu o conceito de *Tendência Actualizante* através da seguinte preposição: “*Todo o organismo é movido por uma tendência inerente a desenvolver todas as suas potencialidades e a desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento. (...) A tendência actualizante não visa somente (...) a manutenção das condições elementares de subsistência como as necessidades de ar, alimentação, etc. Ela preside, igualmente, a actividades mais complexas e mais evoluídas, tais como a diferenciação crescente dos órgãos e funções; a revalorização do ser por meio de aprendizagens de ordem intelectual, social, prática...*” (Rogers & Kinget, 1977).

2 - Conceito de Não Directividade

O método psicoterapêutico desenvolvido por Rogers ficou conhecido inicialmente por Terapia Não-Directiva, tendo posteriormente evoluído para Terapia Centrada no Cliente e, mais tarde para Abordagem Centrada na Pessoa. A definição de não-directividade passa, segundo Rogers, por acreditar que “o indivíduo tem dentro de si amplos recursos para autoconhecimento, para alterar seu autoconceito, suas atitudes e seu comportamento autodirigido” (Rogers, 1989:16). Em oposição a outros modelos de intervenção, Rogers propõe um que acredita na autonomia e nas capacidades de cada pessoa, no seu direito de escolher qual a direcção a tomar no seu comportamento e a sua responsabilidade pelo mesmo (Ibidem:28).

Nas palavras de Pagès (1976, citado por Gobbi et al., 1998:104-105) “*A não-directividade é, antes de tudo, uma atitude face ao cliente. É uma atitude pela qual o terapeuta se recusa a tender imprimir ao cliente uma direcção qualquer, em um plano qualquer, recusa-se a pensar o que o cliente deve pensar, sentir ou agir de maneira determinada. Definida posteriormente, é uma atitude pela qual o conselheiro testemunha que tem confiança na capacidade de autodirecção do seu cliente*”.

3 O termo “incongruência” é utilizado por Rogers para definir um estado de desacordo entre a experiência vivida, a sua simbolização e os sentimentos que esta desperta. Pode também ser a diferença entre aquilo que a pessoa sente que é e o que deseja ser (Gobbi et al., 1998: 89).

Neste sentido a *Não-Directividade* pode ser entendida como uma forte subscrição do conceito de *Tendência Actualizante*, na medida em que: “*É uma confiança de que o cliente pode tomar as rédeas, se guiado pelo técnico, é a confiança de que o cliente pode assimilar insight se lhe for inicialmente dado pelo técnico, pode fazer escolhas*” (Rogers, citado por Raskin, 1998:76).

A atitude não-directiva pode ser transmitida através das respostas-reflexo de sentimento ou reformulação, que são a forma que o terapeuta utiliza para acompanhar o cliente sem o dirigir (Raskin, 1998:77), ou seja, acompanhá-lo a partir do seu (cliente) quadro de referência.

Relativamente ao segundo e terceiro pressupostos atrás enunciados, Rogers deu um relevo particular à forma como a pessoa entra em relação com outra. Assim, enumerou e definiu um conjunto de atitudes que considerou facilitadoras do processo de comunicação inter-humana.

Apesar de, na perspectiva de Rogers, estas atitudes fazerem parte de um conjunto que deve estar integrado na pessoa do professor, iremos defini-las cada uma *per si*, como forma de melhor explicitarmos o quadro conceptual do autor.

Aceitação positiva incondicional

Esta traduz-se pela aceitação incondicional de uma pessoa por parte da outra, tal como ela é, sem juízos de valor ou críticas *a priori* (Rogers, 1985:65). Desta forma, a pessoa pode sentir-se livre (liberdade experiencial⁴) para reconhecer e elaborar as suas experiências da forma como entender e não como julga ser conveniente para o outro. Poderá, então, sentir que não é necessário abdicar das suas convicções para que os outros a aceitem.

A aceitação positiva incondicional é uma atitude assente na crença no potencial interno humano, derivando do principal conceito proposto por Rogers a *Tendência Actualizante* (Gobbi et al., 1998:14).

Compreensão empática

Rogers definiu “compreensão empática” como uma “*capacidade de se imergir no mundo subjectivo do outro e de participar da sua experiência, na extensão em que a comunicação verbal ou não verbal o permita. É a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como ele o vê*” (Rogers & Kinget, 1977).

4 O termo “liberdade experiencial” (*experiencing*, em inglês) procura traduzir uma modalidade da experiência, mais do que um conteúdo específico. Esta liberdade existe quando o indivíduo se sente livre para elaborar as suas experiências e os seus sentimentos pessoais, sem que isso implique perder o afecto das pessoas significativas (Kinget & Rogers, 1977: 46-47)

Assim, podemos dizer que a compreensão empática é um processo dinâmico que significa a capacidade de penetrar no universo perceptivo do outro, sem julgamento, tomando consciência dos seus sentimentos, sem, no entanto, deixar de respeitar o seu ritmo de descoberta de si próprio (Rogers, 1985:64) e a pessoa; sente-se não apenas aceite, mas também compreendida enquanto pessoa na sua globalidade.

Congruência

Finalmente, a congruência pretende indicar o estado de coerência, ou de acordo interno, e de autenticidade de uma pessoa, a que se traduz na sua capacidade de aceitar os sentimentos, as atitudes, as experiências do outro, e de se ser genuíno e integrado na relação com ele (Rogers, 1985:63).

Rogers defende que se estas atitudes, que designou “condições facilitadoras”, estiverem presentes na relação a pessoa entra num processo de aceitação de si própria e dos seus sentimentos, tornando-se, por isso, na pessoa que deseja ser, mais flexível nas suas percepções, adoptando objectivos mais realistas para si própria e, simultaneamente, tornando-se mais capaz de aceitar os outros (Rogers, 1985:253).

Por outro lado, ao modificar as suas características pessoais básicas de modo construtivo, a pessoa adopta um comportamento mais ajustado à sua realidade (Ibidem:253).

II - Abordagem Sistémica: Origens e Fundamentos

A Abordagem Sistémica teve origem no início do século XX, mais precisamente nos anos de 1930, com um conjunto de cientistas a que se designou Cibernéticos. Estes desenvolveram a chamada Teoria Geral dos Sistemas e a Cibernética.

Apareceram em oposição à tendência positivista da época de “cortar” em pequenos pedaços o conhecimento e a ciência. Assim, estes investigadores fizeram um esforço no sentido de nos lembrarem que é necessário ter uma visão global de um fenómeno (Bertrand, 1994:26).

A este propósito L. Von Bertalanffy (cit por Bertrand, 1994:26), fundador da Teoria Geral dos Sistemas, justifica assim o aparecimento desta teoria:

“Uma especialização cada vez mais pormenorizada caracteriza a ciência moderna (...) Por consequência, o físico, o biólogo, o psicólogo e o investigador em ciências sociais encontram-se por assim dizer encerrados no seu próprio universo; é difícil trocar uma palavra de um casulo para outro.”

Aparece, deste modo, uma tendência para a visão sistémica, que olha para o todo sem o dividir, em opo-

sição a uma visão analítica, que corta o todo em partes, sem conseguir uma visão holística.

Em 1954 Bertalanffy funda uma associação, a Society for General Systems Research. Esta sociedade teve um papel muito importante no desenvolvimento do pensamento sistémico, na medida em que promoveu o “*desenvolvimento dos sistemas teóricos aplicáveis a vários sectores tradicionais do conhecimento*” (Bertrand, 1994:30) com o objectivo de unificar a ciência e facilitar as relações entre os especialistas.

Segundo o referido autor, o “*organismo é um todo maior que a soma das partes*” (Idem:29) e, como tal, não é suficiente estudar os fenómenos isoladamente, pois o processo que os une e organiza (aos fenómenos) é fundamental para a sua compreensão, e estes tornam-se diferentes quando estudados isoladamente. Os fenómenos resultam, assim, da interacção entre as partes que compõem o todo: “*porque a característica fundamental de uma forma viva é a sua organização, a análise das partes e dos processos isolados uns dos outros não pode dar-nos uma explicação completa do fenómeno da vida*” (Bertalanffy, cit. por Bertrand, 1994:29).

Mais recentemente, a Abordagem Sistémica foi definida por Isabel Prado e Castro (1996:33) como “*a capacidade de perceber as coisas em movimento, na sua dinâmica própria e na sua interdependência; (...) a contemporaneidade, a horizontalidade do conhecimento, enquanto referência à transdisciplinariedade e portanto ao domínio da complexidade e da complementariedade do conhecimento*”, considerando ainda que a Abordagem Sistémica “*põe em diálogo os nossos saberes parciais, sem que estes tomem conta da nossa ignorância*” (Ibidem:33).

A Cibernética (do grego “Kubernétes” e que significa “pilotagem”, surge no final da Segunda Guerra Mundial, quando um professor do Massachusetts Institute of Technology, Norbert Wiener publica o livro *The Human Use of Human Beings*, onde define a Cibernética como a ciência que estuda a comunicação e os processos de controlo nos organismos vivos e nas máquinas (Bertrand, 1994:31, 32). Wiener (cit por Bertrand, 1994:32) justifica assim o aparecimento da Cibernética: “*Há aproximadamente quatro anos (1943), o grupo de cientistas constituído à volta do doutor Rosenblueth e de mim próprio deu-se conta da unidade essencial do conjunto dos problemas referentes à comunicação, ao controlo e à mecânica estatística, tanto na máquina como no ser vivo (...). Decidimos designar todo o campo da teoria do controlo e da comunicação, quer nas máquinas quer nos seres vivos pelo nome de cibernética, que fomos*

buscar ao grego 'kubernétes' sinónimo de 'piloto' (...) Queríamos também lembrar que os órgãos de governo de um navio são, com efeito, uma das formas mais precisas e mais desenvolvidas dos mecanismos de acção em regresso."

Norbert Wiener desenvolveu o conceito de *feedback* juntamente com um conjunto de cientistas, nomeadamente, Rosenblueth, Kurt Lewin, Margaret Mead, Gregory Bateson, entre outros.

O conceito de *feedback* pretende traduzir o efeito de retroacção ou acção em regresso, entre dois ou mais organismos, vivos ou não vivos.

O quadro conceptual dos cibernéticos tem como base dois pressupostos: por um lado, consideram que *"os mecanismos podem ser regulados por processos de retroacção"* (Prado, 1996:31), e, por outro, que é possível descrever formalmente esses processos, independentemente dos suportes materiais utilizados. Desta forma, a Cibernética considera que independentemente da estrutura material utilizada (orgânica ou mecânica), no tratamento da informação e da energia o conceito de Máquina é válido (Ibidem:31).

III - Abordagem Sistémica: Princípios e Pressupostos

A Abordagem Sistémica assenta num conjunto de princípios da Teoria Geral dos Sistemas e da Cibernética, que são fundamentais para a compreensão do modelo e que são nomeadamente os conceitos de Sistema, de Comunicação, de Interação e de Informação.

De acordo com Bertrand (1994:44), a Teoria Geral dos Sistemas seria um conjunto organizado de leis que se podem aplicar a todos os sistemas, enquanto que a Abordagem Sistémica seria, por um lado, uma arte de modelização na medida em que fabrica modelos e, por outro, uma metodologia porque se preocupa em encontrar soluções para problemas específicos. Neste sentido, utiliza determinados instrumentos, os sistemas, que serão o retrato resultante das operações elaboradas.

Sistema

O conceito de Sistema foi genericamente definido por Bertalanffy (cit. por Bertrand, 1994:46) como *"um conjunto de elementos em interacção"*. No entanto, encontramos outras definições como a de Edgar Morin (cit. por Bertrand, 1994:46) que afirma que *"Um sistema é um conjunto de unidades em inter-relação mútuas"* e Schoderbeck (cit. por Bertrand, 1994:47) que afirma que *"um sistema define-se como um conjunto de objectos e das relações entre eles, dos seus atributos, assim como do meio, de maneira a formar um todo"*.

Bertrand (Ibidem:46) define o sistema como *"um todo dinâmico cujos elementos estão ligados entre si e que têm interacções"*.

Os Sistemas podem, por sua vez, apresentar-se em duas formas ou modalidades. A primeira consiste no "Sistema Fechado", que se caracteriza pelo isolamento face ao meio, e a outra é o "Sistema Aberto" que tem como característica principal a interacção com o meio (Morgado, 1990:30).

Foi partindo do conceito de Sistema Aberto que Bertalanffy propôs o seu quadro conceptual, apresentando um conjunto de características que o definem, que são nomeadamente a abertura, a complexidade, a finalidade, o tratamento, a globalidade, o fluxo, a regulação, a retroacção, o equilíbrio e a entropia.

Abertura

Considera-se que um sistema é aberto quando existem trocas ou interacções com o meio envolvente. Estas trocas traduzem-se em energia, informação, matéria (Ibidem:48).

Complexidade

De uma forma geral, os sistemas são complexos e formados por subsistemas. A interacção entre os subsistemas fundamenta a hierarquia e poder explicar as mudanças que os sistemas sofrem ao longo dos tempos (Ibidem:48).

Finalidade

Os sistemas agem em função de um objectivo ou de um estado final. Assim, as diferentes partes que compõem o sistema possuem fins ou objectivos cujas interacções entre eles procuram atingir essa finalidade. A este propósito, Bertrand (Ibidem:49) lembra o conceito de equifinalidade que indica que os objectivos podem ser os mesmos mas a forma de os atingir pode ser diferente, e que essa é uma característica dos sistemas abertos, pois não existe uma relação directa causa-efeito.

Tratamento

Um sistema aberto está sempre em interacção com o meio envolvente, e essas trocas constantes chamam-se *inputs* e *outputs*, respectivamente entradas e saídas. Isto significa que para haver uma entrada terá sempre de acontecer uma saída. Neste sentido, todos os sistemas são transformadores ou preparadores de *inputs* e *outputs*.

Totalidade

Significa que o sistema é mais do que a soma das suas partes. Morin considera que essa mais qualquer coisa é a própria unidade global (Bertrand, 1994:50,51). Isto significa que um sistema não é uma simples associação de componentes, mas que tenderá a comportar-se como um todo coerente. Assim sendo, as

relações que se estabelecem entre os diversos subsistemas tenderão a estabelecer uma organização que lhes confere propriedades de conjunto, apesar da especificidade de cada componente (Morgado, 1990:30).

Fluxo

Caracteriza-se pelas trocas que se desenrolam no sistema, os canais que permitem a circulação da informação, da matéria e da energia (Ibidem:30).

Regulação

Significa que os sistemas dispõem de mecanismos de regulação ou controlo que lhes permitem corrigir eventuais desvios. A regulação não é mais nem menos do que um mecanismo de controlo dos objectivos do sistema. Este mecanismo pode intervir nos subsistemas, nos *inputs* e nos *outputs* do próprio sistema (Ibidem:30).

Retroacção

É definida como *“a informação encaminhada para uma unidade de controlo no sistema a fim de modificar, se for necessário, o comportamento de um sistema”* (Ibidem:53).

Equilíbrio

Significa que todos os sistemas tentam encontrar e preservar o equilíbrio, ou seja, que tentam conseguir uma harmonia entre todos os seus subsistemas. Para descrever o equilíbrio são normalmente utilizados dois conceitos: Estabilidade Dinâmica e Homeostasia. O primeiro permite que haja uma combinação entre mudanças, crescimento e estabilidade, tendo sido Bertalanffy quem enunciou a Lei da Estabilidade Dinâmica, quando fez pesquisas no âmbito dos fenómenos de assimilação no metabolismo. O segundo foi proposto por Cannon, em 1939, e pretende descrever a capacidade que o sistema dispõe para poder assegurar as variações críticas em limites aceitáveis, quando acontecem perturbações inesperadas (Ibidem:54).

Entropia

Finalmente, a última característica de um sistema pretende indicar um certo estado de desordem interna que é muitas vezes denominado por Caos. A Primeira Lei da Termodinâmica afirma que a Entropia aumentará na razão inversa da energia. Isto significa que quanto menor é a quantidade de energia de que um sistema, dispõe, maior será a entropia. Pode também dizer-se que a entropia tende a avaliar o grau de desorganização do sistema e que todos os sistemas têm entropia, porque se degradam com o tempo (Bertrand, 1994:55).

Comunicação

Comunicar significa “pôr em comum”, o que pressupõe uma relação. Significa que se reconhece o “outro”. À luz da Abordagem Sistémica aparece-

ram diversas Teorias da Comunicação que incidem sobretudo na comunicação interpessoal, intergrupal e intragrupal. A Escola de Palo Alto e o seu trabalho fundamentado no estudo da Pragmática da Comunicação Humana desenvolveram um conjunto de axiomas que têm implicações ao nível interpessoal, e que são utilizados pela Abordagem Sistémica na medida em que esta é uma abordagem relacional e não individual. Em termos terapêuticos, tal significa que será sempre uma abordagem alargada ao sistema em que o indivíduo está inserido e não uma terapêutica individual.

Os Axiomas da Comunicação apresentados pela Escola de Palo Alto são cinco e pretendem explicar aquilo que é visível na comunicação, não havendo preocupação com aquilo que não se pode ou não se consegue ver.

O primeiro axioma diz-nos que «Todo o comportamento é comunicação e toda a comunicação é comportamento», o que significa que, de acordo com este quadro conceptual, não se pode não-comunicar, ou seja, é impossível não-comunicar (Waatzlawick, 1993:47). Existem quatro comportamentos possíveis de resposta à comunicação: a rejeição – a qual significa que, de uma forma mais ou menos indelicada, informamos o outro da nossa intenção de não conversar (por exemplo através do silêncio) –, a aceitação – a qual significa que aceitamos conversar –, a desqualificação – que significa que se comunica de modo a invalidar a comunicação do outro (por exemplo, mudanças de assunto bruscas, frases incompletas) – e o sintoma – em que a pessoa finge que tem um defeito ou uma incapacidade que justifica a impossibilidade da comunicação (por exemplo, finge que é surda ou que tem sono, ou até que desconhece o idioma) (Ibidem:69-72).

O segundo axioma considera que toda a relação implica um conteúdo e uma relação, ou seja, o conteúdo será a informação, enquanto que a relação será o modo como a informação deve ser entendida, uma metacomunicação. Esta é uma capacidade fundamental para uma comunicação bem sucedida (Ibidem:49).

O terceiro axioma afirma que a natureza da relação entre pelo menos dois indivíduos está ligada à pontuação das sequências comunicacionais (Ibidem:54). Existem três formas de “olhar” para o outro: uma é a confirmação do conceito de “Eu”, que provoca desenvolvimento e estabilidade mental (Ibidem:77); a segunda é a rejeição, em que não há negação do conceito de “Eu”, por muito penoso que possa ser o sentimento de ser rejeitado, e pode até ser construtiva em alguns casos em que o conceito do “Eu” é desadequado (Ibidem:78); e a terceira é a desconfirmação, que provoca a perda do “Eu” e leva à alienação. Aliás,

enquanto que na rejeição a mensagem é «você está errado», na desqualificação a mensagem é «você não existe» (Ibidem:79). A patologia da desqualificação leva àquilo que Watzlawick denominou de comportamento de *Shut-Of*, que é um comportamento de resposta ou sintoma e que pretende cortar a desqualificação. Este comportamento pode assumir diversas formas, como o abandono, o desmaio, o homicídio, a loucura e o suicídio.

Como patologia da desqualificação pode também acontecer a comunicação paradoxal ou *Double-bind*, que significa que o emissor envia duas mensagens em simultâneo, em que uma é afirmativa ou positiva e a outra é negativa. O contacto frequente com este tipo de comunicação tenderá a levar o indivíduo a perturbações, pois este não consegue distinguir qual das mensagens é a verdadeira ou a correcta.

O quarto axioma considera que o Homem comunica digitalmente e analogicamente, o que significa que a comunicação digital terá uma lógica informativa e a analógica terá uma lógica afectiva (Ibidem: 61).

Finalmente o quinto axioma afirma que todas as trocas comunicacionais são simétricas ou complementares, conforme se baseiam na igualdade ou na diferença (Ibidem:64).

Informação

O conceito de informação tem sido utilizado como sinónimo de comunicação. Tal não é correcto, na medida em que comunicar implica que o emissor terá um *feedback* do efeito da mensagem no receptor, ou seja, que este descodificou a mensagem. Só existe comunicação quando há um receptor. No caso da informação, não existe esse efeito de retorno ou regresso. A informação pode ser dada sem existir o efeito de retroacção, como é o caso da televisão ou da rádio, em que quem informa não tem qualquer tipo de *feedback* de quem recebe a informação.

Interacção

É um processo através do qual pelo menos dois fenómenos se influenciam reciprocamente. Tem as suas bases no Interaccionismo Simbólico que “*concebe a Sociedade como um sistema de interacções e de comunicações inter-individuais e significantes, sem realidade independentemente das interacções sociais*” (Prado, 1996:32). É neste sentido que as abordagens terapêuticas de inspiração sistémica têm privilegiado o conceito de interacção com vista ao estudo das relações familiares.

IV – Abordagem Centrada na Pessoa vs. Abordagem Sistémica

Quadro Comparativo

Abordagem Centrada na Pessoa	vs	Abordagem Sistémica
Apoio mais centrado no <i>individual</i>		Apoio na percepção <i>global</i>
Efeitos das <i>atitudes</i> relacionais		Efeitos das <i>interacções</i>
Concentração no conceito de <i>Pessoa</i>		Leitura e concentração nas <i>interacções</i> entre os diversos elementos
Não existe acção por objectivos		Conduz a uma acção por <i>objectivos</i>
O que é <i>invisible</i> também é importante		Concentra-se no que é <i>visível</i>
Visa o <i>equilíbrio</i> individual		Visa a <i>coerência</i> do sistema
Conceito de <i>Tendência Actualizante</i>		Conceito de <i>Auto-Regulação e Homeostasia</i>

Conclusão

Da pesquisa desenvolvida apresentamos um quadro comparativo onde podemos ver de forma sintética as grandes oposições das duas abordagens estudadas.

Efectivamente torna-se difícil comparar duas formas de olhar o Homem e o Mundo tão antagónicas.

Os quadros teóricos em que cada uma se insere são disso a prova. Enquanto que a Abordagem Centrada na Pessoa se situa na Psicologia Humanista, em que o Homem é visto como algo de muito positivo, a Abordagem Sistémica assenta na Teoria Geral dos Sistemas e na Cibernética, que, por sua vez, têm origem em áreas do conhecimento como a Termodinâmica, a Biologia, a Matemática, em que a preocupação surge da máquina para o Homem. Apesar de não considerar o Homem como não positivo, acaba por ter uma visão fria do Homem.

Pensamos que o conceito de Tendência Actualizante da Abordagem Centrada na Pessoa é idêntico aos conceitos de Auto-Regulação e Homeostasia da Abordagem Sistémica, na medida em que ambos visam a adequação ao meio, embora a primeira se refira à pessoa e a segunda se refira ao sistema.

Parece interessante verificar como estes conceitos têm a sua origem na mesma área de conhecimento – a Biologia.

Como conclusão mais alargada podemos dizer que as duas Abordagens procuram o bem-estar do Homem, mas encontraram formas diferentes de o fazer.

Referências Bibliográficas

- Bertrand, Y. et al. (1994). *Organizações: Uma Abordagem Sistêmica*, Coleção Sociedade e Organizações. Lisboa: Instituto Piaget.
- Castro, I. (1998). Pensamento Sistêmico v. Abordagem Sistêmica, in *Revista Toxicodependências*, Ano 2, 1, pp. 29-34.
- Dias, F. (1998). Relação Familiar e Comunicação Autêntica (Contributos para a Psicoterapia Centrada na Família), in *A Pessoa Como Centro - Revista de Estudos Rogerianos*, 1.
- Hall, C. et al. (1984). *Teorias da Personalidade* (8ª Ed.). S.Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Kinget, M. & Rogers, C. (1977), *Relações Humanas e Psicoterapia*, Belo Horizonte: Interlivros.
- Morgado, L. (1990). Teoria Geral dos Sistemas, Teoria da Equilíbrio e Psicologia Cognitiva, in *Psychologica*, 3, pp. 29-38.
- Sampaio, D. (1991). *Ninguém Morre Sozinho – O Adolescente e o Suicídio* (3ª Ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Relvas, A. (1994). Estudo do Caso José: Abordagem Sistêmica, in *Psicologia*, 2, pp. 133-137.
- Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistêmica*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Rogers, C. (1985), *Tornar-se Pessoa* (7ª Ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Rogers, C. (1986), *Liberdade de Aprender em Nossa Década* (2ª Ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rogers, C. (1983), *Um Jeito de Ser* (3ª Ed). S. Paulo, Editora Pedagógica e Universitária.
- Watzlawick, P. et al. (1993), *Pragmática da Comunicação Humana - um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*, S. Paulo: Editora Cultrix.
- Wood, J. et al. (1994), *Abordagem Centrada na Pessoa*, Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida.